

## Práticas de extensão no ensino médio integrado: construindo possibilidades de emancipação

### Resumo

Os princípios e finalidades que norteiam a constituição e os processos educativos dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia colocam, juntamente com o ensino, a pesquisa e a extensão em plano de relevância e preveem que a oferta de ensino integrado de nível médio deve atingir cinquenta por cento de suas vagas. A eles é atribuída responsabilidade e autonomia para definição dos cursos, das propostas pedagógicas e do currículo. Com base numa experiência pedagógica que propõe o trabalho com prática de extensão de forma ressignificada para os alunos dos cursos integrados de nível médio, buscamos refletir sobre alguns elementos que compõe a teia de relações e implicações do referido trabalho, num contexto em que é sempre atual a discussão acerca da formação humana e profissional. Para isso, além dos subsídios teóricos, são consideradas as percepções dos alunos, protagonistas de seu trabalho. Permeará o texto a preocupação com o princípio da dialogicidade e criticidade na educação, alerta permanente de Paulo Freire para a educação que objetiva formar seres humanos capazes de ser sujeitos desse processo que não se encerra com a escolarização, mas que se dá ao longo de toda a vida.

**Palavras-chave:** Ensino médio integrado. Formação humana e profissional. Práticas de extensão.

**Ivania Cover**

Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia Sul-rio-grandense  
ivcover@yahoo.com.br

## Considerações iniciais

O cenário da educação no Brasil tem passado por significativas reestruturações nas últimas décadas. Podemos destacar a vigência da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional<sup>1</sup> e novos parâmetros e diretrizes para nossa educação. Com isso, intensificam-se as discussões e iniciativas, que buscam efetivar os princípios e a finalidade da educação nacional, os quais, registrandode forma sucinta, sinalizam para a educação capaz de desenvolver plenamente o educando, preparando-o para o exercício da cidadania e qualificando-o para o trabalho e para os estudos posteriores. A LDB, sem dúvida, marca a intensificação da democratização do ensino em nossa nação.

Em 29 de dezembro de 2008, a Lei 11.892, institui a rede federal de educação profissional científica e tecnológica e cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

A implantação e expansão dos Institutos faz parte de um conjunto de políticas que enfatizam a formação profissional e tecnológica como elemento fundamental para o desenvolvimento socioeconômico de nosso país, e, buscam a elevação da escolaridade. Historicamente nossa nação tem uma dívida quantitativa e qualitativa com a educação pública. No ensino médio esta se explicita pelo alto o índice de jovens brasileiros que não o concluem. E dentre os concluintes, é elevado o percentual daqueles que o fazem ou fizeram em situações precárias nos cursos noturnos ou supletivos, conjugando esforços com suas jornadas de trabalho.

Os Institutos Federais, detentores de autonomia administrativa, financeira e didático-pedagógica, possuem dentre as principais finalidades: a oferta de educação profissional e tecnológica que forme e qualifique os cidadãos para a atuação profissional observando o desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional; a promoção da integração da educação básica à educação profissional; o desenvolvimento de programas de extensão e o estímulo à pesquisa. Ou seja, educação que tenha o ensino, a pesquisa e a extensão como pilares centrais e que ofereça formação básica e profissional, observado o contexto no qual se insere.

---

<sup>1</sup>Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. No texto utilizarei a sigla LDB para fazer referência a mesma.

Observamos que a formação humana, a qual precede a qualificação para o trabalho profissional, mantém-se e se reafirma o compromisso de assegurar que os alunos formados desenvolvam a capacidade de se manter em desenvolvimento. A educação profissional, assim entendida, supõe a integração entre ciência, tecnologia e cultura como elemento indissociável da vida humana em sociedade, bem como o desenvolvimento da capacidade de investigação e construção de conhecimento como essencial para a construção da autonomia.

Diferentes das universidades, os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, não ofertam apenas cursos de nível superior. A mesma lei que os cria, prevê que cinquenta por cento das vagas sejam destinadas para alunos egressos do nível fundamental de ensino, através dos cursos integrados de nível médio.

Assim, temos um público jovem, iniciando seus estudos no ensino médio, regido pelo tripé ensino, pesquisa e extensão. De acordo com a lei de criação dos Institutos que define como uma de suas finalidades o desenvolvimento de programas de extensão, é também de sua responsabilidade e autonomia, a organização e definição de cursos, propostas pedagógicas e currículos. A questão que se apresenta frente a esse cenário é como protagonizar um projeto político-pedagógico capaz de formar sujeitos emancipados, reforçando os vínculos entre sociedade produtiva, formação humana e profissional. Esse é um cenário relativamente novo que precisa ser pensado, planejado e explorado.

O objetivo desse artigo é contribuir para os questionamentos e reflexões acerca de possibilidades e desafios para redimensionar as práticas pedagógicas no ensino integrado contemplando a proposta de formação oferecida pela rede federal de educação profissional. Além de elementos teóricos, tomamos também como base um trabalho que começou a ser desenvolvido num dos câmpus de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia no estado do Rio Grande do Sul que, ao definir o currículo dos cursos integrados instituiu a disciplina de *Prática de extensão*. Uma iniciativa que visa contemplar o trabalho com a pesquisa e, principalmente, com a extensão.

## Formação humana e profissional de qualidade: o desafio da integração

A expansão da rede federal de ensino nos últimos anos, parte de uma política que visa ampliar a democratização do acesso à formação para os jovens brasileiros e profissionalizá-los, nos remete para reflexões importantes. Pensar em processos de formação humana e profissional sendo protagonista desse fazer pedagógico, implica a consideração alguns pontos de partida fundamentais.

Um deles, é a concepção e o sentido de educação que dá sustentação para o fazer pedagógico em nossas escolas. Buscar compreender esse sentido significa refletir inicialmente sobre nossa concepção de ser humano. Nesse sentido, é referência a contribuição de Paulo Freire, que afirma: “Não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem” (FREIRE, 1979, p.27). Define o homem como um ser inconcluso, inacabado, consciente de sua inconclusão. Por isso capaz de agir sobre o mundo, sobre a realidade, sobre a sua cultura e a sua história. Um ser que não vive no isolamento, mas que se relaciona consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Nessas relações vai se constituindo, se tornando mais humano, mais consciente, vai desenvolvendo sua autonomia, ou seja, avançando em seu processo de emancipação. Processo no qual a educação tem um papel fundamental.

Ao falar de educação, Freire (2005) deixa claro que esta não se limita à transmissão de informações, numa relação onde quem sabe - o professor - ensina e quem não sabe - o aluno - aprende. Não reconhece como educativos os métodos pedagógicos que não considerem quem ensina e quem aprende como sujeitos do processo. Acredita que a aprendizagem acontece através das relações que têm o diálogo como princípio (FREIRE, 2005, p.18). Os sujeitos do diálogo, seres inconclusos em permanente processo de formação, trazem diferentes saberes, construídos ao longo da própria trajetória. O educando não pode ser compreendido como um ser que não traz conhecimentos. Portanto, sem relações dialógicas não é possível promover o processo educativo. O diálogo verdadeiro não é repetição de palavras e sim um processo pelo qual é possível compreender a própria realidade e existência, ambas em permanente processo de transformação. Para o autor a alfabetização é um processo contínuo e permanente, que vai para além da leitura da palavra. Significa ler o mundo, o contexto e se posicionar,

expressar também a sua palavra. Por isso toda aprendizagem supõe o diálogo entre os sujeitos como base e princípio.

A educação pensada como um processo mediado pelas relações que o ser humano vivencia e, que acontece de forma permanente e contínua na vida do ser humano merece grande atenção no período em que este está na escola, espaço no qual a ênfase e a centralidade é a construção de saberes.

No mesmo período em que no Brasil tivemos a nova LDB, novos parâmetros e diretrizes curriculares, aconteceu também a publicação de uma obra que é um importante documento para a educação em nível mundial. No Brasil, este documento foi publicado sob o título: *Educação: Um Tesouro a Descobrir – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Este relatório, que também ficou conhecido entre nós como *Relatório Jacques Delors*, resultou dos estudos e contribuições de educadores e pesquisadores do mundo todo e foi publicado com o respaldo do órgão máximo responsável pela educação a nível mundial, a UNESCO<sup>2</sup>. Representa oficialmente o pensamento pedagógico da humanidade neste período. Dentre as contribuições desse documento, elencamos aqui que, ao destacar a educação permanente como uma necessidade, entende-a não apenas com relação ao acompanhamento das modificações da atuação profissional, mas também para a construção contínua e permanente da pessoa humana, sua tomada de consciência em relação ao seu meio e ao seu papel social. Pode ser também uma resposta aos desafios próprios da sociedade deste século que se apresenta em contínua e rápida transformação.

A proposta de educação para este século, de acordo com este documento, pode ser sintetizada e compreendida através do que expressa o seguinte trecho:

Para poder dar resposta ao conjunto de suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: **aprender a conhecer**, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; **aprender a fazer**, para poder agir sobre o meio envolvente; **aprender a viver juntos**, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente **aprender a**

---

<sup>2</sup> UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

**ser**, via essencial que integra as três precedentes. É claro que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento, de permuta (DELORS, 1998, p. 89 - 90).

Para a comissão os quatro pilares são igualmente importantes e precisam da atenção por parte da educação em sua estrutura, considerando que não pode ser uma experiência fragmentada focada para um determinado pilar. De acordo com o relatório é indispensável propor novos objetivos à educação, superando a concepção que se tem da sua utilidade:

Uma nova concepção ampliada de educação devia fazer com que todos pudessem descobrir, reanimar e fortalecer o seu potencial criativo – revelar o tesouro escondido em cada um de nós. Isto supõe que se ultrapasse a visão puramente instrumental da educação, considerada como via obrigatória para obter certos resultados (saber-fazer, aquisição das capacidades diversas, fins de ordem econômica), e se passe a considerá-la em toda a sua plenitude: realização da pessoa que, na sua totalidade, aprende a ser (DELORS, 1998, p. 90).

Nessas afirmações vemos reforçadas e reafirmadas concepções que partem de uma visão de ser humano como sujeito responsável e capaz de criar e recriar a própria existência, a própria sociedade. Uma concepção de educação que necessita superar a função de atendimento das demandas que resultam e são criadas e fortalecidas pela ideologia dominante na sociedade capitalista.

Frigotto, na obra *Ensino Médio Integrado: concepções e contradições*, ao contextualizar o percurso da educação profissional no Brasil, alerta que é preciso “superar a formação profissional como adestramento e adaptação às demandas do mercado e do capital” (2005, p. 15). O autor compreende que a educação básica de nível médio, como um direito, “é condição para uma formação profissional que atenda aos requisitos das mudanças da base técnica da produção e de um trabalhador capaz de lutar por sua emancipação” (2005, p.15).

Com base nessas concepções e pressupostos o ensino médio integrado ao técnico vem atender a uma demanda de muitos jovens que têm direito social de acesso ao nível médio e ao mesmo tempo inserir-se no sistema produtivo. Quando se fala em ensino

médio integrado, é necessária uma pausa para pensarmos o que de fato compreendemos por integrado, ou, ainda, o que é formação integrada. Para Frigotto, o ensino médio integrado ao técnico, ou ao profissional, supõe “que a educação geral se torne parte inseparável da educação profissional” (2005, p.17), o que aconteceria em todos os campos onde a preparação para o trabalho acontece: nos processos produtivos e educativos, desde a formação inicial até o nível superior.

Integrar o ensino médio ao técnico supõe a superação de um conflito histórico que existe em torno do papel da escola: formar para a cidadania ou para o trabalho? Contemplar um currículo que se volte para as humanidades ou para as ciências e tecnologias? O ensino integrado deve considerar que o ser humano é sujeito capaz de transformar a realidade, que atuará profissionalmente sem desprezar os conhecimentos construídos, sejam técnicos ou de formação básica, nos aspectos social, histórico, econômico, político, cultural, científico.

Ciavatta, também na obra *Ensino Médio Integrado: concepções e contradições*, reforça que:

A ideia da formação integrada sugere superar o ser humano dividido historicamente pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar. Trata-se de superar a redução da preparação para o trabalho ao seu aspecto operacional, simplificado, escoimado dos conhecimentos que estão na sua gênese científico-tecnológica e na sua apropriação histórico-social. Como formação humana o que se busca é garantir ao adolescente, ao jovem e ao adulto trabalhador o direito a uma formação completa para a leitura de mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política (CIAVATTA, 2005, p. 85).

Como vemos, o desafio de integrar o ensino médio ao técnico, envolve questões fundamentais que são permanentemente discutidas em todos os níveis da educação. A formação integral, supõe considerar um ser humano integral, inteiro, não dividido. O profissional não se forma apenas no ensino técnico profissionalizante; suas vivências e experiências educativas além da formação técnica o constituirão profissional. A autora ainda chama atenção para o fato de que, quando se busca a superação da dicotomia trabalho manual e trabalho intelectual, buscando incorporar a dimensão



intelectual ao trabalho produtivo, além da busca por formação de trabalhadores capazes de atuar como cidadãos, significa que se está buscando compreender o trabalho como princípio educativo.

A prática pedagógica baseada na transmissão dos conteúdos fragmentados em disciplinas, limita as possibilidades de compreender o que significam esses conteúdos e disciplinas no processo histórico de construção de conhecimentos. É necessário apreender o sentido dos conteúdos do ensino e reconhecer como podem ser pressupostos para a construção de novos conhecimentos que auxiliem o educando na compreensão da realidade. Realidade esta que resulta das relações entre a natureza e as coisas produzidas pelo homem na sua relação com a própria natureza e com seu semelhante. Isso significa que o ser humano produz sua própria existência e que a faz mediada pelo trabalho. O trabalho é inerente à espécie humana. Pela integração entre educação básica e profissional o educando terá acesso aos conhecimentos e à cultura da sociedade, bem como se apropriará de conhecimentos relacionados ao mundo da produção. Se o sentido do trabalho permite compreender o contexto e as relações sociais, econômicas, históricas, culturais enfim, podemos compreendê-lo como princípio educativo.

É à luz dessas concepções e reflexões, construídas ao longo da trajetória profissional e pessoal que me coloco como educadora disposta a olhar criticamente para um trabalho novo e desafiador com uma disciplina que objetiva promover aos educandos do ensino médio integrado a oportunidade de realizar práticas de extensão. Um espaço de trabalho que me possibilita olhar como quem está efetivamente aprendendo e ensinando, partilhando espaços de construção de saberes com os educandos, por isso, imersa num cenário de riqueza educativa ímpar.

### **O aluno como protagonista: possibilidade de ampliar relações e construir diferentes saberes**

Para iniciar o trabalho com prática de extensão propriamente dito, foi necessário estabelecer um diálogo aberto com aqueles que seriam seus protagonistas: os alunos.



Mobilizá-los a se envolver num trabalho novo que iria para além dos muros da escola, envolveu estudar e compreender elementos fundamentais. Foi imprescindível trazer presente, conhecer e compreender a missão que rege o fazer pedagógico de todos os sujeitos que ensinam e aprendem em nosso Instituto, a qual assim está expressa no Projeto Pedagógico Institucional:

Implementar processos educativos, públicos e gratuitos de ensino, pesquisa e extensão, que possibilitem a formação integral mediante o conhecimento humanístico, científico e tecnológico e que ampliem as possibilidades de inclusão e desenvolvimento social (IFSUL, 2014, p. 19).

A partir dela, entende-se que os sujeitos envolvidos nesse processo de ensinar e aprender, que prevê a formação técnica e também humana, além de conhecer, criar e facilitar o uso da tecnologia em qualquer área, podem também trabalhar a prática da extensão, com o intuito de difundir o conhecimento e levá-lo até a comunidade em que o Instituto se insere. Como podemos observar, os processos de educação que se desenvolvem em nossa instituição, são norteados pelo ensino, pela pesquisa e pela extensão. Dessa forma, o desenvolvimento humano, a produção do conhecimento e o compromisso com a comunidade estão presentes em nosso processo educativo. Nossa Instituição tem a preocupação de que a formação não seja apenas técnica. A função social do Instituto está assim expressa em nosso Projeto Pedagógico Institucional:

[...] promover educação humano-científico-tecnológica para formar cidadãos capazes de compreender criticamente a realidade, preparando-os para a inserção no mercado de trabalho. [...] Tomando o trabalho por princípio educativo, visa desenvolver o senso ético e motivar a sensibilidade através da cultura para que seus estudantes, como cidadãos críticos e solidários, capazes de usar o conhecimento, a partir do potencial da ciência e do método científico, comprometam-se politicamente com um projeto de sociedade mais justa (IFSUL, 2014, p. 18 – 19).

Observamos que nas expressões da missão e da função social, estão explícitas as ideias centrais discutidas ao longo desse texto. Para exercer a docência nesse meio, é preciso estar ciente do que se compreende por processos educativos, de como se compreende o ser humano na sua relação com esse contexto e das possíveis

repercussões do trabalho. Trabalhar diretamente com a extensão como uma disciplina integrante do currículo do ensino médio integrado, para todos os alunos dos terceiros anos do câmpus, exige grande responsabilidade pedagógica e é uma prática desafiadora que provoca muitas reflexões.

Iniciar o trabalho com os adolescentes significou, com eles, partir da compreensão da natureza e da dimensão do trabalho a ser desenvolvido. As dimensões do trabalho, envolveram: conhecer, estudar, debater sobre os objetivos e razões da disciplina; reconhecer-se como sujeitos de todo o processo, desde o estudo e planejamento até a execução e corresponsabilidade pelo trabalho envolvendo pessoas além dos muros da escola; mobilizar o interesse e desejo por realizar extensão; sentir-se capaz de desenvolver um trabalho que leve conhecimentos construídos a diferentes pessoas e espaços sociais.

Como vimos o fio condutor de todo o trabalho foi o diálogo, pautando-se também em três elementos fundamentais, já discutidos: o ensino, a pesquisa e a extensão como um dos tripés de sustentação da formação oferecida pelos Institutos; o ensino médio integrado ao ensino técnico que busca formar além do profissional, um cidadão, um ser humano com condições de construir sua autonomia; a comunidade como espaço de construção recíproca de saberes. Deram sustentação a esse permanente diálogo, além dos subsídios teóricos, os conteúdos das falas e informações colhidas junto a pessoas da comunidade que, na sua maioria, representam as instituições, entidades e órgãos públicos visitados para avaliar possibilidades e realizar o trabalho, as trocas de experiências, as compreensões dos diversos sujeitos envolvidos no processo, as intenções de trabalho e os desafios da extensão.

Nesse diálogo permanente e muito enriquecedor, evidenciou-se a abertura e receptividade para a extensão pela comunidade. Os alunos foram em busca de espaços fazendo observações, visitas, conversas com pessoas que atuam ou são representantes de escolas, secretarias municipais, entidades, organizações não governamentais, instituições de assistência, enfim, os mais diferentes espaços. Retornavam para a sala de aula com relatos positivos, de aceitação e receptividade. Essa abertura e expectativa, aumentou a responsabilidade para o trabalho, pois ao mesmo tempo, fez com que os

alunos percebessem que as pessoas que os receberiam posteriormente, tinham expectativa por um bom trabalho.

Foram momentos de vivência daquilo que fora pauta de discussão em aula: estaríamos nos relacionando com outras pessoas, ensinando e aprendendo. Planejar o trabalho tendo clara essa perspectiva gerou, na maioria dos alunos, um nível maior de engajamento e maior preocupação com a qualidade das ações que seriam desenvolvidas, uma vez que essas ações envolveriam outras pessoas: um público que se compunha de crianças, adolescentes, jovens ou adultos, em boa parte, pessoas em situação de vulnerabilidade social, ou alunos de escolas públicas.

Esse seria um trabalho com características um pouco diferentes daquelas que alguns alunos já experimentavam como bolsistas ou voluntários de projetos de extensão no câmpus, pois todo o desenvolvimento do projeto aconteceria na disciplina de Prática de Extensão: definir o público, o trabalho, os objetivos, elaborar o projeto, planejar as ações, desenvolvê-las e avaliá-las. Desafiador, sim, mas um processo que de fato integra a formação geral com a profissional. Para desenvolver um bom trabalho não bastam os conhecimentos específicos da área profissional. São necessários conhecimentos das disciplinas de formação geral, da cultura, da leitura de mundo em permanente evolução.

Pode-se dizer que essa experiência, seja, talvez, um ensaio daquilo que pode ser a vivência futura desses alunos como profissionais formados para a autonomia, para a cidadania. É vir a ser um profissional que não seja simplesmente um realizador de tarefas. É experimentar a possibilidade de pensar, planejar e dirigir, além de executar. É exercitar a leitura de mundo, é integrar-se à sociedade, é experimentar o sentido das aprendizagens e as possibilidades que podem estar implicadas nesse processo.

Ao longo do trabalho realizamos seminários, momentos de socialização e avaliação do trabalho. Algumas falas e registros escritos pelos alunos<sup>3</sup> reforçam e provocam nossas reflexões.

---

<sup>3</sup> A partir de então, serão citadas no texto algumas falas dos alunos expressando percepções, desafios e aprendizagens significativas com a realização do trabalho de extensão. Cabe salientar que o faço com o ciente desses alunos. Essas excertos estarão em destaque e a identificação dos alunos será preservada.

Uma das alunas, após algumas semanas de trabalho, assim se posiciona: *“Me surpreende o desejo de aprender das pessoas de diferentes idades e em vulnerabilidade social que participam das aulas de informática. Deixam suas famílias, seus amigos e vêm para as aulas à noite, não consideram isso obstáculo. É um desafio, mas se faço isso é porque gosto de estar lá, gosto de conviver com as pessoas. Posso afirmar que a melhor coisa que eu fiz foi ter levantado a mão para participar desse projeto.”* Num momento de socialização na turma ainda verbalizou: *“Aprendi que naquele bairro carente e violento também têm pessoas boas e que querem aprender e mudar de vida”* (Anotações minhas em meu diário de encontros).

Nesse depoimento podemos perceber o quanto essa aluna demonstra uma mudança de visão sobre as pessoas e sua realidade. É uma aluna que foi tocada pela humildade, simplicidade e dificuldades que aquelas pessoas enfrentam em suas vidas. Pelas características e necessidades das pessoas atendidas pelo projeto a aluna precisou ser ainda mais competente na transmissão dos conhecimentos de sua área profissional. Nesse mesmo sentido outra aluna expressa: *“O projeto me permitiu pôr em prática os conhecimentos adquiridos durante o curso de informática e trouxe contribuições para a vida, me desafiou, me fez crescer e me tornar alguém melhor”*.

Escrevendo sobre as aprendizagens construídas a partir da experiência com a prática de extensão, um aluno que, vale registrar, apresentou certa resistência em se envolver com o trabalho, diz que *“Em uma escola onde são aplicadas matérias ‘normais’ somos preparados para enfrentar questões e agir conforme as regras que aprendemos. A matéria de Prática de Extensão nos possibilitou sair da sala de aula e ver o quanto o mundo é complicado, onde nem sempre saber aplicar regras irá te ajudar. Tenho certeza que vai me ajudar muito na vida, seja como ser humano ou no ramo profissional.”* Lembro aqui Paulo Freire (2005) quando diz que a escola precisa promover as condições para que os alunos não leiam apenas as palavras, mas leiam o mundo, o seu entorno. Acredito que dar-se conta de que existem outras realidades, além da própria, seja um primeiro e importante passo para uma leitura crítica do contexto.

Ainda nesse sentido, escreve um outro estudante: *“O projeto de extensão é um grande aprendizado para minha vida. Cada desafio me incentiva a buscar o melhor de mim*

para resolvê-lo. Um projeto de extensão valoriza o trabalho do aluno e completa a sua visão de mundo, de realidade. Um projeto de extensão aflora no aluno aquilo que cada dia está mais escasso em nosso mundo, o ser humano, pois o mundo nos obriga a sermos cada vez mais lógicos, mecânicos e práticos”. Por essa manifestação é possível apreender um segundo e importante passo: além da percepção do contexto, a mobilização para buscar a superação de si mesmo, reconhecendo-se como pessoa.

Realizando as práticas, sentindo-se sujeitos de um processo de ensinar e de aprender, o sentimento de estar em evolução, em crescimento e sentir-se realizado com isso foi expresso de diferentes formas. Uma delas: *“Saio das aulas de informática para as pessoas de terceira idade com a sensação de dever cumprido. É gratificante pois além de vencer meu medo de falar em público estou ajudando pessoas”*. Outro aluno, ao finalizar o trabalho numa escola pública, diz: *“O mais legal era ver que os professores, funcionários e alunos estavam muito contentes com o que nosso grupo havia realizado, uma tarefa simples para nós, mas que ajudou muito a escola”*.

A percepção, na prática, de que é necessário acolher as pessoas com carinho e respeito às diferentes formas de ser e aprender fica evidente também quando é dito: *“Aprendi que passar o nosso conhecimento para os outros não é uma tarefa fácil, não importa o quanto simples seja. Cada pessoa pensa e age de forma diferente, então merecem ser tratadas diferenciadamente a seu favor”*.

Podemos observar que o exercício da realização do projeto em cada uma das etapas, partindo do planejamento, promoveu aprendizagens, como esta, por exemplo: *“Me ensinou que fazer um projeto necessita de dedicação, esforço, compreensão do que você quer realizar, comprometimento, muita pesquisa e vontade de querer fazer. Noto que todas essas características necessárias para fazer um projeto serão necessárias daqui para frente em minha vida, será necessário em meu futuro emprego, em minha vida pessoal ou em qualquer atividade que eu exercer daqui por diante”*. Outro colega, em complemento, destaca: *“Os trabalhos de extensão são, digamos, uma prévia da nossa vida profissional. Isso porque com ele temos responsabilidades, temos que ser organizados, competentes, além de muitas vezes trabalhar com seres humanos que são imprevisíveis”*.

Destaco também outros dois elementos pontuados por alunos. Um deles disse: *“Este trabalho de realizar uma prática de extensão conseguiu despertar um espírito de liderança, nos ensinou a saber conviver com as pessoas, entre muitas coisas, que levaremos para a vida pessoal e profissional.”* Seu colega de turma afirmou: *“Acredito que esse projeto será de extrema importância para minha vida pessoal e profissional, pois, por trás disso tudo há um grande trabalho de grupo: professora orientadora, desenvolvedores e alunos. O trabalho de grupo é de muita importância para a vida de cada um”*.

Despertar espírito de liderança, compreender o sentido do trabalho em grupo, sentir-se parte dele e reconhecer sua importância para a vida revela que importantes aprendizagens estão em curso: aprender a ser e a conviver. Conviver com pessoas diferentes em seus saberes, em seus pontos de vista, reconhecer a importância de cada um na realização do projeto e também para as vivências e experiências que cada um irá protagonizar em sua vida pessoal e profissional.

Uma das alunas, muito reflexiva, dedicada e comprometida com a extensão, já pesquisadora de um projeto que busca desenvolver um aplicativo que auxilie pessoas com deficiência visual a reconhecer as cédulas de dinheiro, diz de forma breve e significativa o que a prática de extensão, mobilizada pela pesquisa que vem fazendo, representa para ela: *“A prática de extensão que eu faço parte chama-se “A inclusão ampliando horizontes”*. Este nome define bem o que a prática tem feito em minha vida: *ampliar horizontes*”. E reforça em comentários que faz durante os momentos de organização, planejamento e socialização das ações do projeto, que a experiência de trabalhar com deficientes visuais tem lhe mostrado um outro lado da vida, tem lhe transformado numa pessoa que valoriza muito mais cada aprendizagem e cada possibilidade que a vida oferece. Também admira ainda mais o trabalho dos professores que diariamente buscam novos saberes para trabalhar com esses alunos e enfrentam o desafio de muitas vezes ter os recursos tecnológicos à disposição e não ter os conhecimentos suficientes para utilizá-los.

Outros projetos de pesquisa deram origem à extensão e foi possível observar que o desejo de socializar os conhecimentos interferiu positivamente na pesquisa, pois estava

tendo significado e relevância social. Nas palavras de uma aluna: *“Estamos levando nosso conhecimento para as crianças de uma escola e com isso mudando os rumos do projeto”*.

Vale ainda destacar algumas conclusões dos alunos. A primeira delas, demonstra a abertura para aprender com os saberes das outras pessoas: *“Depois desses meses realizando a prática percebi que interagir e aprender com os conhecimentos e experiências das outras pessoas é de fundamental importância para nosso crescimento”*.

A segunda revela que está latente nos adolescentes a capacidade de ser autor, de ser protagonista, e que, sendo encorajado, se lança à ação: *“As aulas de prática de extensão nos fazem prestar mais atenção à nossa volta. [...] Tiramos as ideias do papel, saímos da sala de aula juntamente com o professor e buscamos fazer a diferença mesmo sendo pequena”*.

A terceira conclusão, reforça o potencial de protagonismo que há no aluno e, principalmente, permite observar que há um despertar da consciência para o papel social de cada um: *“É importante porque acaba despertando para o fato de que nossas ações em sociedade têm impacto forte sobre ela, ao passo que o aluno se dá conta que pode e deve pensar em suas ações não só em sua esfera individual, mas na esfera social”*.

Enriqueceram também esse trabalho, os contatos com servidores do câmpus ou com professores das demais áreas do conhecimento sejam técnicas ou de formação geral. Em determinadas etapas do trabalho, a troca de ideias, o auxílio, a sugestão daqueles que tem um maior conhecimento dentro de uma determinada área foram importantes e necessários. Contribuíram muito positivamente. O fato de os alunos mesmos estarem planejando, construindo seu projeto e suas ações os fez sentir a necessidade de ir em busca, o que resultou num trabalho produtivo.

Importante destacar desse trabalho que se iniciou, que boa parte dos alunos, realizou seus projetos de extensão com ações e temáticas que não são da área técnica e profissional na qual estão em formação. Além dos projetos na área da informática, nos quais os alunos trabalharam com aulas para diferentes públicos, com assistência e melhoria nos laboratórios de escolas públicas e entidades, jornais virtuais e jogos educativos, aconteceram projetos na área do esporte, das atividades recreativas, de



lazer, de jogos de mesa e raciocínio lógico, de qualidade de vida e meio ambiente, de educação inclusiva e também da literatura.

É possível afirmar que o trabalho com extensão contribuiu para a formação integral dos adolescentes. O contato com a comunidade, o desenvolvimento do trabalho junto a espaços públicos, inclusive os mais carentes, aproxima o jovem de uma dimensão da realidade que nem sempre é vista ou sentida por ele em seu cotidiano. Perceber que existem outras realidades e se reconhecer como um possível agente transformador é uma experiência ímpar. Atuar na comunidade e colher os resultados positivos pelo trabalho desenvolvido é motivo de realização para os alunos. Enfrentar desafios e buscar a superação é uma forma de exercício da autonomia, por isso de evolução e crescimento. Além disso, a prática de extensão é um meio de difundir na comunidade os conhecimentos adquiridos na formação do ensino integrado.

O trabalho promoveu modificações e transformações na vida e na forma de compreender o mundo desses jovens. Foi uma aprendizagem que além do envolvimento intelectual, passou também pelo campo emocional. Uma experiência complexa que exigiu determinação, persistência e abertura para olhar com criticidade para o próprio trabalho. Nas palavras de uma aluna cujo projeto não atingiu satisfatoriamente os objetivos esperados: *“Aprende-se muito socialmente com essas práticas, como conviver com responsabilidades e pressões. Acertamos e erramos, mas sempre tentamos. São vivências únicas, experiências marcantes. Só se tem a ganhar. Obviamente, há aspectos negativos como a falta de tempo para outras tarefas e responsabilidade social; quando trabalha-se com pessoas, entrega de atividades no tempo certo...mas no final, tudo isso é bom. Com essas atividades amadurecemos para o mercado de trabalho.”*

Sem dúvida, depois dessas vivências, os estudos, as discussões e as leituras feitas, na escola e na vida, têm maiores chances de ser compreendidas criticamente, pois elas permanecem como referências para as quais nos reportamos ao longo da vida. O conhecimento, quando partilhado com o outro, incluindo aqueles que mais precisam, tem valor ainda maior.

## Considerações finais

Pela própria natureza e objetivos desse texto, cabem mais sinalizações do que conclusões. Uma delas diz respeito à necessidade de intensificar discussões no que tange às definições do trabalho com a extensão no ensino médio integrado. Conforme já mencionado, a pesquisa e a extensão estão em plano de relevância nos princípios que norteiam a atividade educativa dos Institutos Federais. Até pouco tempo, o tripé ensino-pesquisa-extensão, esteve presente como um fundamento para construção de conhecimentos nos cursos de nível superior das universidades. Trazê-lo para o trabalho com a educação básica de nível médio, exige redimensionar a ação pedagógica. Exige tomada de decisão: como fazer isso? Podemos fazer de forma que contemple apenas alunos selecionados pelos projetos de extensão aprovados pelos editais da instituição. Ou, podemos buscar formas de proporcionar ao maior número possível deles essa experiência.

Se temos muito presente na atualidade o desafio da integração, quem sabe a reinvenção de nossas práticas pedagógicas possa encontrar na extensão uma forma de renovar processos de aprendizagem. A formação do nosso aluno passa por diferentes dimensões da aprendizagem, que estão distantes de ter êxito se ficarem apenas no limite do acúmulo de conhecimentos. São necessárias outras aprendizagens que passam também pelo aprender a fazer, aprender a ser e conviver. Se o que caracteriza a extensão é a interação entre a instituição e os diversos setores da sociedade e se temos a missão de formar alunos autônomos, transformadores, capazes de olhar criticamente para a realidade, problematizá-la e agir sobre ela, talvez oportunizar a eles esse exercício seja muito mais que uma experiência educativa.

A formação integrada tem a função, o desafio e a capacidade em potencial para formar o profissional e o humano. Mesmo que questionemos se os conteúdos considerados gerais são necessários para a formação tecnológica e profissional, sabemos que uma sólida formação humana qualifica o profissional. Existe uma dimensão integral da vida do nosso aluno que qualificará sua inserção e sucesso no mundo do trabalho.

Com base nessas referências é possível apostar na hipótese de que inserir-se na realidade, estar em contato e em relação de diálogo com esta, é um fator que permite ao

aluno ser protagonista da própria formação e vivência em sociedade. É nisso que está, consoante Freire, o sentido para a educação: a compreensão do ser humano como um ser de busca, um ser cuja “vocação ontológica é humanizar-se” (FREIRE, 2005, p. 71). Para o autor, a tarefa da escola é ajudar o homem a ser *mais humano*, a humanizar-se, o que não acontece no individualismo. À escola cabe promover as condições para que o aluno não se torne apenas um bom técnico, mas um ser humano integral.

## Referências

CIAVATTA, Maria. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In:FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Maria (Orgs.). *Ensino médio integrado: concepções e contradições*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 83 – 105.

DELORS, Jacques. et al. *Educação: Um Tesouro a Descobrir – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional de Educação para o século XXI*. Trad. José Carlos Eufrázio. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Maria (Orgs.). *Ensino médio integrado: concepções e contradições*. São Paulo: Cortez, 2005.

IFSUL Instituto Federalde Educação Ciência e Tecnologia Sul-rio-Grandense. *Projeto Pedagógico Institucional*. Disponível em:  
<[http://www.ifsul.edu.br/index.php?option=com\\_docman&Itemid=81](http://www.ifsul.edu.br/index.php?option=com_docman&Itemid=81)>. Acesso em: 05abr. 2014.